



O cartaz pede à comunidade que se dirija primeiro ao centro de saúde

Ouvidora do HRAS admite despreparo

"Tá um jogo de empurra *danado*", reconheceu ontem a ouvidora do Hospital Regional da Asa Sul, Verbenia Melo. Para ela, o problema se resume à falta de pessoal. "Há, hoje, uma superlotação nos centros de saúde e nos hospitais. O número de profissionais na Regional é muito pequeno", avalia. Segundo Verbenia, do início do governo Cristovam para cá, 154 médicos e enfermeiros se aposentaram só no Hospital Regional e nos oito centros ligados à Regional Sul. Nenhuma vaga foi preenchida.

"Tem gente que fica até 12 horas à espera de atendimento", confessa. Para ela, o sistema não está preparado para o novo modelo de assistência e os pacientes não confiam nos centros de saúde. Mas a resistência não é apenas psicológica.

No Centro de Saúde nº 7, na 612 Sul, Elisângela Venâncio ardia em febre às 1h15 de ontem, num banco de madeira. Esperava desde às 10h, sem almoço ou apoio, pela chegada do médico, após às 14h. "É o jeito enfrentar isso. Se eu estivesse boa, *tava em casa*", desabafou. O horário dos médicos, em dois turnos, é de 7h às 12h ou das 13h às 18h. "Mas eles só chegam às 8h e às 14h", explicou a chefe de Enfermagem do Centro de Saúde nº 6, da 605 Sul, Ana Angélica Coelho. No horário de almoço, fica um buraco.

A própria Angélica trata dos problemas pequenos, como febre, dor de cabeça e verminose. Sua equipe, que deveria ter 15 enfermeiras, conta com apenas nove. Apesar de o Centro de Saúde nº 6 ser considerado exem-

plar, ela trabalha apenas de manhã. Até pouco tempo, os médicos só tinham a obrigação de atender a 16 pacientes por dia.

INDIGNAÇÃO

O diretor do HRAS, Geraldo Secunho, sentiu na pele que muitos médicos não estão preparados para o programa. Indignado, ele *despachou* a dona de casa Maria de Souza para o Hospital da Asa Norte, com a filha Lailane, de 3 anos, no colo. A mãe tinha um receituário assinado pela médica Rose Maria Albuquerque, do Hospital de Planaltina, encaminhando-a ao HRAS.

"Será que ela (a médica) não sabe que aqui não existe ortopedia?", questionou, incrédulo. Geraldo admite que a situação é generalizada.

De uma parte, os centros de saúde não sabem que passaram a ser a porta de entrada de qualquer hospital. De outra, os hospitais onde o Rema foi implantado se vêem entre a cruz e a espada, pois não podem negar atendimento. "A falta de atendimento é omissão. Dá processo", explica a ouvidora do HRAS.

A Secretaria de Saúde tenta resolver o problema de falta de pessoal convocando médicos concursados e remanejando profissionais dos hospitais para os postos de saúde. Segundo o assessor de imprensa, Osni Calixto, a implantação do Rema gerou uma peregrinação aos hospitais e postos. No Centro de Saúde nº 7, do Setor O, os funcionários farão um mutirão no sábado, para tentar atender à demanda de pacientes.